



## **A IMPORTÂNCIA DAS OBRAS CLÁSSICAS COM TEMAS ATUAIS: INTERTEXTUALIDADE ENTRE FERNANDO PESSOA E CAVALEIRO DUPLO, DE THÉOPHILE GAUTIER**

FERNANDES, Ana Laura de Souza<sup>2</sup>  
NICOLETI, Giovana Ribeiro<sup>3</sup>  
SHUMISKI, Tamar Naline<sup>4</sup>

### **RESUMO**

Os livros de Literatura Clássica, muitas vezes, acabam sendo difíceis de serem compreendidos por jovens e adolescentes que cresceram na era da tecnologia imediatista, por esse motivo, ao fazermos uma intertextualidade com uma obra traduzida atualmente que explora o uso da imaginação, nessa faixa etária, torna-se possível o entendimento dos textos clássicos. O estudo tem como objetivo estabelecer um diálogo da obra literária de Fernando Pessoa, como escritor português moderno, e a narrativa da vida do Cavaleiro Duplo, de Théophile Gautier, traduzida por Ismael Mark, analisando a dualidade das identidades representada nas obras. É fundamental analisar como elementos da obra de Pessoa, heteronímia e a reflexão sobre a identidade, se relacionam com o universo do Cavaleiro Duplo, um personagem da Literatura Francesa, conhecido por sua dupla identidade e conflitos internos. A metodologia a ser utilizada será a pesquisa bibliográfica, por meio da consulta de livros e sites confiáveis. O método a ser utilizado será o indutivo. Espera-se com isso estimular os alunos do Ensino Médio a lerem livros literários e contribuir para o avanço das pesquisas em Literatura Portuguesa e Francesa, além de colaborar com a comunidade científica.

**Palavras-chave:** Intertextualidade. Fernando Pessoa. Cavaleiro Duplo. Heterônimos. Literatura Portuguesa e Francesa.

### **ABSTRACT**

Classic Literature books often end up being difficult to understand by young people and teenagers who grew up in the era of immediate technology, for this reason, when we create an intertextuality with a currently translated work that explores the use of imagination, in this age group, it becomes possible to understand classical texts. The study aims to establish a dialogue between the literary work of Fernando Pessoa, as a modern Portuguese writer, and the narrative of the life of the Double Knight, by Théophile Gautier, translated by Ismael Mark, analyzing the duality of identities represented in the works. It is essential to analyze how elements of Pessoa's work, heteronymy and reflection on identity, relate to the universe of the Double Knight, a character from French Literature, known for his double identity and internal conflicts. The methodology to be used will be bibliographical research, through consultation of reliable books and websites. The method to be used will be inductive. This is expected to encourage

---

<sup>2</sup> Aluna bolsista do 6º semestre do curso de Letras do Centro Universitário de Jales.

<sup>3</sup> Aluna bolsista do 6º semestre do curso de Letras do Centro Universitário de Jales.

<sup>4</sup> Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade de Guarulhos (1981), graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos (2011) e mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2017). Atualmente é professora nos cursos de Letras, História, Educação Física, Matemática e Pedagogia, do Centro Universitário de Jales.



high school students to read literary books and contribute to the advancement of research in Portuguese and French Literature, in addition to collaborating with the scientific community.

**Keywords:** Intertextuality. Fernando Pessoa. Double Knight. Heteronyms. Portuguese and French Literature.

## INTRODUÇÃO

A Literatura Clássica é de difícil compreensão para jovens que cresceram durante o ápice da globalização e desenvolvimento tecnológico, por esse motivo obras da Literatura Contemporânea ajudam na formação crítica. “A literatura contemporânea comparada a outros movimentos literários torna-se um pouco mais dinâmica, mais rápida e o aluno se sente mais confortável com a leitura” (Bageston, 2022, p. 02).

Este projeto teve como propósito evidenciar por meio da intertextualidade, como a obra Cavaleiro Duplo, de Théophile Gautier pode contribuir para a compreensão da complexidade e importância de obras do Fernando Pessoa na Literatura Portuguesa, escritor capaz de criar heterônimos em sua escrita. Sendo assim, esta pesquisa investigou vida e obra de Fernando Pessoa, autor moderno português, criador de vários heterônimos, e de Théophile Gautier, em O Cavaleiro Duplo, autor de uma personagem com dupla personalidade.

A pesquisa objetivou analisar e estudar elementos das obras de Fernando Pessoa, como a heteronímia e a reflexão sobre a identidade que se relacionam com o universo do Cavaleiro Duplo, um personagem da Literatura Francesa, conhecido por sua dupla personalidade e conflitos internos, estabelecendo relações de intertextualidade entre as obras.

Como objetivos específicos, pesquisou-se a biografia do Fernando Pessoa e seu poema **Não sei quantas almas tenho**, definiu o que é um ortônimo e o que são heterônimos, destacando as principais personalidades que são compostas por Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, analisou e realizou uma intertextualidade entre o ortônimo e os heterônimos de Fernando Pessoa, e as personalidades existentes do Cavaleiro Duplo, de Théophile Gautier e identificou temas comuns e atuais nos dois tipos de obras.

Neste estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, utilizando o método indutivo sobre Fernando Pessoa e Théophile Gautier, com base em importantes críticos e escritores sobre o assunto. Nessa investigação, serão estudados livros e artigos científicos nos sites do Google Acadêmico e no Portal de Periódicos CAPES.



## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A princípio, serão apresentadas as biografias de Fernando Pessoa e Théophile Gautier, autores das obras estudadas, bem como Ismael Mark, tradutor do livro *O Cavaleiro Duplo*. Em seguida, serão explorados os conceitos de heteronímia, dupla personalidade e conto fantástico.

Fernando Antônio Nogueira Pessoa, nasceu em Lisboa, em 13 de junho de 1888, foi escritor da geração Modernista portuguesa, durante a Primeira Guerra Mundial que teve início com a publicação da revista *Orpheu*, a partir daí surgiram os heterônimos em suas obras (Nicola; Infante, 1995). Ademais, de acordo com Nicola e Infante (1995), a heteronímia de Pessoa, que é composta por heterônimos, é explicada como um autor que tem vários poetas dentro dele, ou seja, são pessoas/personalidades/atores que vivem dentro de um ser humano e ele tem que se destruir para que eles interpretem várias peças. Essas personalidades são formadas por: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

Por sua vez, Pierre Jules Théophile Gautier, nascido em 30 de agosto de 1811, foi um renomado poeta francês que também se destacou como romancista e crítico de arte. Embora sua obra seja difícil de classificar, Gautier sempre defendeu a escola literária do Romantismo. Portanto, seus escritos influenciaram significativamente movimentos literários posteriores, como o Parnasianismo, o Simbolismo e o Modernismo. Ainda, vale ressaltar que apesar da obra original “*Le Chevalier Double*” ser escrita em 1840, o que a tornou atual foi a tradução de Ismael Mark, publicada em 2023 (Mark, 2023, *apud* Gautier, 2023).

Ismael Mark Oliveira Maia nasceu no dia 5 de setembro de 1988, em Fortaleza, começou sua carreira inicialmente escrevendo versos em inglês para bandas de *rock* na qual ele também participava. O tradutor é também marketólogo, poeta, escritor e letrista. Em suas escritas estão presentes o tema do amor, fantasia, melancolia e sensualidade (Mark, [S. d.]).

Nesse contexto, torna-se de fundamental importância a leitura das obras de Pessoa, bem como a de Théophile Gautier, a fim de que se estabeleça a intertextualidade e para que educadores se apropriem da pesquisa e adquiram novos conhecimentos literários e os jovens tenham mais interesse pela leitura dos clássicos, tomando como ponto de partida um clássico de literatura juvenil.

Desta forma, espera-se que esta pesquisa contribua para um melhor conhecimento da obra de Pessoa, bem como da de Théophile Gautier, desenvolva comportamento leitor nos professores e jovens e colabore com a comunidade científica e permita que o estudo de obras



clássicas da Literatura Portuguesa e Francesa, com temas atuais, esteja ao alcance dos professores de Literatura Brasileira e Portuguesa, para que eles se apropriem da pesquisa e adquiram novos conhecimentos literários.

Por meio desta pesquisa, pretende-se mostrar os estudos acerca do “eu” e da subjetividade para Fernando Pessoa, explorando questões filosóficas e culturais, seu ortônimo e seus heterônimos, Fernando Pessoa, por ele mesmo, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, além de pesquisar sobre um de seus poemas *Não sei quantas almas tenho*, de Fernando Pessoa, ortônimo, e investigar na obra *Cavaleiro Duplo*, de Théophile Gautier, o tema da dupla personalidade.

Pessoa, Nicola e Infante (1995) aprofundam em seu livro como funciona a mente desse escritor, investigando diferentes trechos de obras escritas, o significado de heterônimo, de onde eles surgiram, quais são eles, como são os estilos utilizados por essas múltiplas personalidades e como foi a vida de Fernando Pessoa.

Os heterônimos têm origem nos traços de histerias existentes na mente de Fernando Pessoa e na sua capacidade de despersonalização (Moisés, 2009). Nesse contexto, podemos definir cada uma dessas personalidades, começando pelo mestre de todos Alberto Caeiro, que surgiu da necessidade de se criar um poeta bucólico. Nasceu em Lisboa e viveu quase sua vida toda no campo, não teve nenhuma profissão e pouca educação. Em suas obras, escreve em folhas o fato de não ler livros de alguns autores, se apresentando como ingênuo, simples e autêntico (Pessoa, 2016).

Além disso, Ricardo Reis é o “pagão da decadência”, vive longe da cidade, foge de amores intensos, é um poeta ao modo arcadê e controla o mundo para evitar a dor. Para ele devemos aproveitar a felicidade buscando pouca dor ou gozo. Já Álvaro de Campos fala sobre a contemporaneidade de forma direta, sobre drogas na sociedade, como o ópio, a miséria, o desejo de morte e as suas limitações. Uma das suas características marcantes é o conflito existencial e ser um poeta que fala sobre modernidade (Furlan; Siqueira, 2012).

Furlan e Siqueira (2012) apresenta o Fernando Pessoa, em sua forma ortônimo, como bastante distinto de seus heterônimos, pois nunca apresenta uma filosofia prática. Pessoa, em sua essência, possui um lirismo intelectual que encanta pela sua habilidade de sentir e refletir profundamente. Temos como a base da poesia desse escritor a mente no lugar da emoção e a imaginação no lugar do coração.



Os heterônimos de Pessoa, apesar de serem distintos em muitos aspectos, compartilham algumas semelhanças, como a rejeição ao sentimentalismo e ao catolicismo, e uma postura que não pertence às ideologias socialistas, comuns para os intelectuais portugueses.

As diferenças permitem um debate interno e problematizam a questão da identidade, mostrando que Pessoa não cria apenas identidades ou pseudoescritores, mas dramatiza a própria condição identitária como escritor, refletindo a multiplicidade de personagens e perspectivas que habitam o sujeito moderno.

Em seguida, a pesquisa tratará da narrativa fantástica de Théophile Gautier, O Cavaleiro Duplo, escritor francês romântico, que apresenta a fuga romântica por meio do sonho, repetindo a vida. Gautier utiliza-se deste recurso, a fim de descobrir o mundo perfeito buscado pelos românticos.

Segundo Fratucci (2017, p. 81),

O conto fantástico é uma das produções narrativas mais recorrentes no século XIX. Ele nasce como modalidade literária no início do século no Romantismo alemão, com a intenção de representar o mundo interior e subjetivo da mente, da imaginação humana, conferindo a ela uma importância maior do que a da razão e realidade. (FRATUCCI, 2017, p. 81).

Gautier consagrou sua atividade literária às obras do gênero fantástico, bastante comum no século XIX. Théophile Gautier, Hoffmann, Nodier, Edgar Allan Poe e Maupassant foram grandes escritores representantes desta época. O autor ainda escreveu poemas, romances, peças teatrais, críticas literárias e famosos prefácios. (Fratucci, 2017).

Conceituando o conto fantástico, segundo Marinello (2009, p. 02), este cria “[...] no leitor uma sensação de insegurança e perplexidade, marcada pela surpresa, estranhamento, dúvida, incômodo, angústia ou aversão. [...] falta de sentido de acontecimentos do cotidiano, de imagens aterrorizantes oriundas de delírios, loucuras ou pesadelos, bem como da presença de figuras sobrenaturais, como monstros ou fantasmas.”

De acordo com Borges (2020, p. 120), “Antes de ser representada no campo da arte literária, a questão da duplicidade ou do desdobramento do ser já se fazia presente no imaginário de povos antigos cuja consciência de mundo era fundamentalmente mitológica. [...]”

A dupla composição do ser já representava princípios de contradição e, até mesmo, certas oposições por meio das quais o conceito de união das coisas e, em particular, do homem, era interrogado, dentro desse universo fabuloso em que a noção de saber conviver com dois lados existenciais tem suas linhagens plantadas.



Na obra o Cavaleiro Duplo, de Gautier (1840), encontra-se a presença do duplo na figura da personagem Oluf, filho de Edwige e um estranho galanteador, que apareceu repentinamente e engravidou a moça. Ele possuía um aspecto sinistro, era escuro, se dizia ter vindo das profundezas da Boêmia, recitava poesias estranhas, verbalizava ideias coléricas, com um corvo negro pousado em seu ombro. Por seu lado, a jovem ficava pálida e esmorecia, deitada na poltrona do quarto do castelo.

Passado algum tempo, nasceu uma criança branca e corada, com os olhos pretos do estranho. O pequeno conde Oluf tem uma estrela dupla, uma verde e uma vermelha como o inferno; uma desfavorável, a outra desastrosa. O menino cresceu, tornou-se um jovem e, devido à existência da estrela vermelha, apresentava um comportamento turbulento e inexplicável.

De acordo com Gautier (1840, p. 13), “A fatal inconsistência do seu caráter impede qualquer realização de felicidade entre uma mulher e ele. Apenas uma de suas metades sente paixão, a outra sente ódio; ora a estrela verde prevalece, ora a vermelha. [...]”.

Certa vez, conheceu uma donzela, chamada Brenda, e com ela marcou um encontro no meio da floresta. Chegando aonde a moça estava, ela questionou o porquê dele chegado ali acompanhado, referindo-se a outro cavaleiro possuidor de uma estrela vermelha que estava junto dele. Nisso, Brenda disse que não poderia ser esposa de dois homens ao mesmo tempo.

Oluf travou uma luta com o cavaleiro da estrela vermelha. “Foi um duelo intrigante, onde o vencedor sofria tanto quanto o perdedor, e onde dar e receber eram indiferentes”. (Gautier, 1840, p. 21). De repente, o rapaz arrebatou o elmo do seu adversário e pôde ver seu rosto, surpreendendo-se ao presenciar a si mesmo, ou seja, sua personalidade má (estrela vermelha) havia sido destruída.

Desta forma, foi ao encontro de Brenda, relatou o acontecido e, com sua estrela verde e seus olhos azuis, que também haviam mudado, sinal de reconciliação celestial, selaram sua união.

Assim sendo, além do estudo de cada autor e obra, será pesquisado o assunto **intertextualidade temática**, quando serão estudados o conceito de heteronímia, dupla personalidade e escola literária.

A intertextualidade é um diálogo entre diferentes textos que pode ser reafirmada, questionada ou desconstruída.

O texto literário insere-se no conjunto de textos: ele é uma escrita-réplica (função ou negação) de uma outra (ou de outros textos). Por sua maneira de escrever, lendo o



corpus literário anterior ou sincrônico, o autor vive na história, e a sociedade inscreve-se no texto. (KRISTEVA, 1969, p. 181).

Julia Kristeva (1969) explica que o texto literário se conecta com outros textos, sendo uma resposta ou uma negação deles. Ao escrever, o autor interage com o corpus literário anterior ou contemporâneo, refletindo sua época e sociedade no texto que produz.

O discurso nunca é criado por uma pessoa só, mas por várias vozes que geram textos que se entrecruzam no tempo e espaço, ou seja, é sustentado por uma intertextualidade (Bakhtin, 1999, p. 45). A intertextualidade é um termo que foi criado para explicar o “cruzamento num texto de enunciados tomados de outros textos” (Kristeva, 1969, p. 115 *apud* Samoayult, 2008, p. 15).

Segundo Samoayult (2008) a literatura se escreve em uma relação com o mundo e consigo mesma, com a sua história e sua origem, que gera uma genealogia onde as filiações se dispersam criando evoluções tanto verticais quanto horizontais. Nesse contexto, a retomada de um texto nasce de forma não espontânea e influenciada, podendo aparecer por meio de citações, paródias, alusões, plágios ou inspirações voluntárias.

Nesse sentido, para a realização da intertextualidade é necessária a definição do conceito de heterônimos definidos por Nicola e Infante (1995, p. 20), “O heterônimo vai além: é um outro nome, uma outra personalidade, uma outra individualidade, diferente portanto, do criador”. Ou seja, não é Fernando Pessoa que está dando a sua essência como ortônimo para aquela obra, mas sim sua outra personalidade. Algo que não deve ser confundido por pseudônimo, que é um nome criado para a pessoa se ocultar de algo que terá que vivenciar.

Por outro lado, temos a dupla personalidade que se encaixa no Transtorno Dissociativo de Identidade.

O transtorno dissociativo de identidade é aquele que várias pessoas conhecem como transtorno de múltiplas personalidades. Nestes casos, a pessoa pode sentir que há mais de uma personalidade dentro de si mesma, como se estivesse possuída ou houvesse mais de uma pessoa morando dentro de uma mesma cabeça. (SOUSA, 2021, p. 3-4).

A seguir, encontra-se o poema **Não sei quantas almas tenho**, de Fernando Pessoa, que será estudado nesta pesquisa.

Não sei quantas almas tenho.  
Cada momento mudei.  
Continuamente me estranho.  
Nunca me vi nem achei.  
De tanto ser, só tenho alma.



Quem tem alma não tem calma.  
Quem vê é só o que vê,  
Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,  
Torno-me eles e não eu.  
Cada meu sonho ou desejo  
É do que nasce e não meu.  
Sou minha própria paisagem;  
Assisto à minha passagem,  
Diverso, móbil e só,  
Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo  
Como páginas, meu ser.  
O que segue não prevendo,  
O que passou a esquecer.  
Noto à margem do que li  
O que julguei que senti.  
Releio e digo: "Fui eu?"  
Deus sabe, porque o escreveu.

Neste poema, do ortônimo Fernando Pessoa, o eu lírico expõe como se sente perdido no meio de tantas almas (heterônimos), por consequência das várias mudanças que ocorreram, principalmente por ser obrigado a deixar tudo que almeja para assumir outras personalidades com outros sonhos. Ele ainda explica que, ao verem de fora, as pessoas só conseguem enxergar o físico, mas não o que acontece realmente em seu psicológico.

Além de nunca ter se encontrado e visto como realmente é, sente solidão e apesar de tentar ler o seu interior, não compreende se suas emoções pertencem a si mesmo, porém diz que Deus sabe, porque foi quem o escreveu. Durante toda a autoanálise realizada na obra, Fernando Pessoa tenta se expressar com os seus heterônimos, evidenciando a sua despersonalização, que o reduz a insignificância, o que o gera tristeza por não conseguir identificar-se (Pinto; Teles; Almeida, 2013).

Esse poema pertence à escola literária do Modernismo Português, que teve início no século XX, marcada pela busca da originalidade e a ruptura com o passado, ou seja, foi contra os padrões clássicos, lutando a favor da liberdade formal, usando a linguagem coloquial e a ironia. Ademais, expôs o homem louco, o consciente, o que oscila entre o real e o irreal, mas principalmente aquele que procura o seu novo estado (Ribeiro; Rodrigues, 2020).





A sua estrutura externa é formada por três estrofes de oito versos, com uma métrica regular de seis sílabas, também chamada de hexassílabo, com rimas cruzadas ABAB, emparelhadas CC e versos soltos DE. (Santos; Quiaios, 2012).

Ainda, de acordo com Pinto, Teles e Almeida (2013), no decorrer de toda a obra é possível perceber o uso de Figuras de Linguagem que são essenciais para o entendimento do sentido que o autor quis empregar em cada verso. Na primeira estrofe, há o uso da **assonância**, “De tanto ser, só tenho alma./ Quem tem alma não tem calma”, onde fica claro que tudo o que acontece pelo eu lírico não é sentido pelo corpo, mas sim pensado pela alma, em seguida a **antítese** que mostra uma oposição entre a visão e o sentimento “Quem vê é só o que vê,/ Quem sente não é quem é”, quem vê só vive a vida e não sente o que passa em seu interior, e quem sente não vive de verdade, além do mais, nessa estrofe também há o uso da **anáfora** que marca a repetição da palavra “quem”.

Já na terceira estrofe, Pessoa utiliza a **metáfora** em “Por isso, alheio, vou lendo/ Como páginas, meu ser”, para tentar explicar que mesmo confuso, tenta ler (entender) o que passa em seu interior como se fosse um livro, principalmente quando é assumido pelos heterônimos.

Com base nisso, a presente pesquisa científica avançará no sentido de associar o poema ortônimo de Pessoa, que possui características dos heterônimos, às personalidades do **Cavaleiro Duplo**. Da mesma forma, que o eu-lírico do poema se encontra perdido em meio a tantas almas, Oluf, personagem principal de O Cavaleiro Duplo, acha-se em conflito devido as suas duas estrelas, uma do bem e outra, do mal.

Enquanto Fernando Pessoa pertence ao Modernismo Português, Gauthier faz parte do Romantismo Francês. É interessante notar que dois escritores de épocas tão diferentes tratam de tema recorrente, a dupla ou tripla personalidade, um assunto atemporal e que acontece em todas as pessoas do mundo.

## RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se com esta pesquisa investigar o poema **Não sei quantas almas tenho**, de Fernando Pessoa, com a narrativa do livro **O Cavaleiro Duplo**, de Théophile Gautier, a fim de encontrar pontos comuns com relação ao ortônimo e aos heterônimos do autor português e as várias identidades do personagem Oluf (O Cavaleiro Duplo), criada pelo escritor francês, e também suas diferenças: enquanto o primeiro texto é um poema, o segundo é um conto; um pertence ao Modernismo, o outro, ao Romantismo; um foi escrito por um autor português, já o



outro, por um francês; a obra de Pessoa foi escrita utilizando uma linguagem que apresenta rupturas com padrões clássicos, enquanto que a de Gauthier, usando linguagem romântica idealizada.

Epifania, segundo o dicionário Aulete Digital, significa “Percepção intuitiva da essência, do significado de algo ou da realidade, por meio de algo corriqueiro, inesperado”. Nos dois primeiros versos do poema em estudo “Atento ao que sou e vejo, / Torno-me eles e não eu”, conclui-se que o eu-lírico tem uma revelação de que não é apenas um, mas sim vários (heterônimos), característica dos poemas de Fernando Pessoa.

No conto pesquisado, Oluf também passa por um momento de epifania, quando, no final da história, diante de uma situação conflitante, liberta-se de sua estrela vermelha (personalidade má), revelando sua estrela verde (personalidade boa) e lhe permite ter sua vida transformada, por meio de uma emoção que revela um repentino sentimento de assimilação da essência de algo em seu interior.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa foi possível comparar obras clássicas como as de Fernando Pessoa (Novas Poesias Inéditas), onde se encontra o poema **Não sei quantas almas tenho**, com o conto **O Cavaleiro Duplo**, de Théophile Gautier, encontrando suas semelhanças e suas diferenças e, também, estabelecendo relações de intertextualidade.

Investigamos, ainda, os conceitos de dupla personalidade, heteronímia, identidade, epifania e conto fantástico presentes em obras literárias de outras épocas, tanto remotas, quanto contemporâneas.

Tudo isso com o propósito de proporcionar aos pesquisadores acesso a um estudo inovador sobre os escritores mencionados. A pesquisa possibilitará, ainda, aos jovens e aos professores, que ao lerem os poemas de Pessoa e o conto de Gauthier, adquiram uma aproximação entre o clássico e a literatura juvenil.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal** / Mikhail Bakhtin [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzeller]. — 2ª ed. — São Paulo Martins Fontes, 1997.



CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza. **Panorama da Literatura Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Atual, 1997.

DE NICOLA, José; INFANTE, Ulisses. **Margens do Texto – Fernando Pessoa**. São Paulo: Scipione, 1995.

FURLAN, Stélio; SIQUEIRA, José Carlos. **Literatura Portuguesa**. 1. ed. Curitiba: IESDE. Brasil S.A, 2012.

FRATUCCI, A. S. A. O sonho como figuração fantástica em Théophile Gautier. **RE – UNIR**, v. 4, n. 2, p. 81-98, 2017.

GAUTIER, Théophile. **O Cavaleiro Duplo**. Tradução: Ismael Mark. 2 ed. Fortaleza: Eclipse Lírico, 2023. *E- Book*.

KRISTEVA, Julia. Problèmes de la structuration du texte. In: **TEL QUEL. Théorie D'ensemble**. Paris: Seuil, 1969.

MARK, Ismael. Ismael Mark. **UNICLAP BIO**. [S. l.], [S. d.]. Site. Disponível em: <https://uiclap.bio/ismaelmarck>. Acesso em: 11 jul. 2024.

MATTIA, Bianca Rosina; ZANDONÁ, Jair. Fernando Pessoa e a Ficção Heteronímica: o Drama do Poeta ou o Poeta do Drama. **Revista Verslete**, Curitiba, v. 3, n. 5, p. 188-204, jul.-dez. 2015.

MARINELLO, Adiane Fogali. O gênero textual conto fantástico. **V SIGET**, Caxias do Sul, ago. 2009.

MOISÉS, Massaud. **Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 2009.

PESSOA, Fernando. Não sei quantas almas tenho. **Arquivo Pessoa**, [S. l.], 24 ago. 1930. Site. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/277>. Acesso em: 06 jul. 2024.

PESSOA, Fernando. **Novas Poesias Inéditas**. 4. ed. Lisboa: Ática, 1973.

PESSOA, Fernando. **Obra completa de Alberto Caeiro**. Edição de Jerónimo Pizarro & Patricio Ferrari. LISBOA Tinta-da-China MMXVI.

PINTO, D.; TELES, J.; ALMEIDA, R. Não sei quantas almas tenho - Análise poema. **Slideshare**. [S. l.], 28 nov. 2013. Site. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/nao-sei-quantas-almas-tenho-anlise-ao-poema/28719530#3>. Acesso em: 23 jul. 2024.

RIBEIRO, André; RODRIGUES, João Bartolomeu. As direções do Modernismo Português – Orpheu, presença, e as tendências na arte do pensamento. **European Review of Artistic Studies**, v. 11, n. 2, p. 40-51, 2020.



SAMOYAULT, Tiphaine. **Intertextualidade**. São Paulo: Hucitec, 2008. Disponível em: <https://dtllc.fflch.usp.br/sites/dtllc.fflch.usp.br/files/Intertextualidade%20-%20Livro%20completo.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2024.

SANTOS, Ricardo; QUIAIOS, Beatriz. Análise do poema “Não sei quantas almas tenho”. **Slideshare**. [S. l.], 10 nov. 2012. Site. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/nao-sei-quantas-almas-tenho/15117587>. Acesso em: 19 jul. 2024.

SOUSA, J. P M.; HALLAK, Jaime. Minuto Saúde Mental #38: É realmente possível que uma pessoa tenha múltiplas personalidades? **Jornal da USP**, São Paulo, 04 nov. 2021. Site. Disponível em: <https://jornal.usp.br/podcast/minuto-saude-mental-38-e-realmente-possivel-que-uma-pessoa-tenha-multiplas-personalidades/>. Acesso em: 14 jul. 2024.